Bárbara Filipa Cordeiro Rodrigues

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA VERSÃO PORTUGUESA DA FAMILY ECONOMIC STRAIN SCALE (FESS-PT)

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Área de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

COIMBRA, 2024

Adaptação e validação da versão portuguesa da Family Economic Strain Scale (FESS-PT)

BÁRBARA FILIPA CORDEIRO RODRIGUES

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Gabriela Fonseca, Professora Auxiliar, ISMT

Membros do júri

Presidente: Professora Doutora Inês Pimentel, Professora Auxiliar, ISMT

Arguente: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Coimbra, setembro de 2024

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Gabriela Fonseca, pela sua constante disponibilidade e dedicação ao longo destes meses. Foi, sem dúvida, uma grande ajuda na conclusão deste trabalho e incentivou-me sempre a fazer mais e melhor. O seu profissionalismo e empenho tornaram tudo mais simples e leve.

Aos meus pais, Nuno e Zeca, por me permitirem viver este sonho e por estarem ao meu lado incondicionalmente. Partilharam comigo as minhas angústias e as minhas conquistas. Choraram e festejaram comigo desde o início deste percurso. Devo-lhes muito… devo-lhes tudo!

À minha irmã, Joana, por ser um exemplo de resiliência e empenho. Por me acompanhar desde o dia da candidatura, por também acreditar em mim e partilhar todos os momentos comigo. Por me amparar e por me guiar pelos melhores caminhos.

À minha avó Gena, por rezar todos os dias por mim, por ser companheira e festejar cada vitória minha. Por me dar força, amor e colo. Desde sempre.

Ao avô Afonso, avô Lucílio e avó Maria, por me celebrarem no céu. Têm uma vista privilegiada da minha vida há uns anos, mas fazem questão de continuar presentes. Não foi fácil sem eles, mas sinto-lhes o orgulho, a força e o amor. Eles foram e serão sempre amor. Continuem a iluminar o meu caminho como tão bem têm feito.

À restante família de sangue e de coração, pela presença e suporte. Por acreditarem nas minhas capacidades e no meu sucesso. Por torcerem por mim com todo o amor.

Ao Henrique, por acreditar mais em mim do que eu própria. Por ser suporte e casa. Por me dar o empurrãozinho necessário para eu avançar e lutar pelos meus sonhos. Por caminhar comigo de mão dada e na mesma direção.

Aos meus amigos, por partilharem a vida comigo e acompanharem o meu percurso de perto. Por celebrarem comigo as minhas vitórias e por me ampararem nos meus desequilíbrios.

A Ti, que nunca me falhaste. Que me deste força e esperança, amor e paz em todos os momentos, especialmente nos mais turbulentos. A Tua casa reconfortou-me sempre e a minha fé só aumentou.

Resumo

Atendendo à complexidade dos desafios económicos que atualmente afetam as populações, compreender como é que famílias portuguesas experienciam *stress* económico assume extrema relevância. A investigação empírica tem consistentemente mostrado que o *stress* económico pode influenciar de forma significativa o funcionamento das famílias, trazendo implicações negativas para as suas relações e para o seu bem-estar. A *Family Economic Strain Scale* (FESS) é uma medida de autorrelato que visa avaliar o *stress* económico – i.e., a avaliação pessoal que cada indivíduo faz perante a sua situação financeira. O presente estudo teve como principal objetivo adaptar e validar a versão portuguesa da FESS (FESS-PT) e examinar a sua estrutura fatorial e qualidades psicométricas. Preliminarmente, a aplicabilidade dos itens originais da escala no contexto atual português foi discutida num grupo focal, o qual informou o desenvolvimento da versão final da FESS-PT. Participaram 205 sujeitos (70,2% do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 22 e os 79 anos (M = 43,14; DP = 11,63). Através de uma análise fatorial exploratória, constatou-se que a FESS-PT é composta por duas dimensões: preocupações financeiras e perceção da adequação financeira. Verificou-se que tanto a escala global, como as duas dimensões, apresentaram uma boa consistência interna. Os resultados do teste-reteste, com uma subamostra de 30 participantes, confirmaram a estabilidade temporal da FESS-PT. Foram também encontradas correlações positivas e fortes entre a FESS-PT e a subescala das preocupações financeiras de Conger e Elder, o que contribui para o estabelecimento da sua validade convergente. Em suma, a versão portuguesa da FESS demonstrou ser uma medida válida e fiável, a qual poderá ser usada em estudos futuros na área do *stress* económico familiar.

Palavras-chave: *stress* económico, *Family Economic Strain Scale,* preocupações financeiras, perceção da adequação financeira.

Abstract

Given the complexity of the economic challenges currently affecting populations, understanding how Portuguese families experience economic stress is of extreme relevance. Empirical research has consistently shown that economic stress can significantly influence family functioning, bringing negative implications for their relationships and well-being. The Family Economic Strain Scale (FESS) is a self-report measure designed to assess economic strain, i.e., one's personal evaluation of their financial situation. The main objective of the present study was to adapt and validate the Portuguese version of the FESS (FESS-PT) and examine its factor structure and psychometric properties. The applicability of its original items was preliminarily tested for the current Portuguese context through a focus group, which informed the development of the final version of the FESS-PT. A total of 205 individuals (70.2% female) aged between 22 and 79 years (M = 43,14; SD = 11,63) participated in the study. Results from exploratory factor analysis indicated that the FESS-PT is composed of two dimensions: financial worries and perception of financial adequacy. Both the overall scale and the two dimensions showed good internal consistency. Test-retest results, with a subsample of 30 participants, confirmed the temporal stability of the FESS-PT. Positive and strong correlations were also found between the FESS-PT and the financial concerns subscale developed by Conger and Elder, contributing to the establishment of its convergent validity. In summary, the Portuguese version of the FESS proved to be a valid and reliable measure, which can be used in future studies in the field of family economic stress.

Keywords: economic strain, Family Economic Strain Scale, financial worries, perception of financial adequacy.

Introdução

Atualmente, os indivíduos e as famílias vivem em contextos macroeconómicos e políticos complexos, podendo apresentar um conjunto de preocupações financeiras e dúvidas sobre o seu futuro. Segundo um estudo recente desenvolvido pela DECOPROTeste (2023), grande parte das famílias portuguesas (74%) sentem dificuldades económicas todos os meses, e aproximadamente 8% destas apresentam-se numa situação complexa, não lhes sendo fácil pagar as despesas relacionadas com alimentação, saúde, habitação, mobilidade, educação e lazer. Em 2022, o índice responsável por medir a capacidade financeira das famílias chegou ao valor mais baixo dos últimos 5 anos (DECOPROTeste, 2023).

As crises macroeconómicas acontecem de forma cíclica e provocam efeitos prejudiciais na esfera social, económica, familiar e individual (Amaral, 2009; Fonseca et al., 2021). De uma crise macroeconómica podem resultar vários desafios para a população como, por exemplo, desemprego, perda de rendimentos e poupanças, piores condições de trabalho, aumento das dívidas e instabilidade habitacional. Em contextos macroeconómicos instáveis, as preocupações financeiras dos indivíduos e famílias tendem a intensificar-se, e a capacidade de cumprir necessidades materiais e manter o estilo de vida pode ficar ameaçada. De forma importante, a literatura (e.g., Falconier & Epstein, 2011; Fonseca et al., 2016) tem alertado que mesmo aqueles que não experienciam mudanças objetivas na sua situação económica (e.g., perda de rendimentos) podem apresentar um conjunto de receios significativos relativamente ao seu futuro devido à instabilidade macroeconómica.

Um vasto corpo de investigação tem-se focado nos impactos das crises, dificuldades e/ou preocupações financeiras na vida dos indivíduos, casais e famílias (cf. Fonseca et al., 2016; Masarik & Conger, 2017). Vários estudos (e.g., Conger et al., 1992; 1994; Ponnet, 2014) têm suportado o modelo de *stress* económico familiar, inicialmente desenvolvido por Conger & Elder (1994), mostrando que as dificuldades económicas provocam *distress* emocional nos membros da família, afetando negativamente as relações e o funcionamento familiar. Outras investigações (e.g., Falconier & Epstein, 2010; 2011) têm focado a sua atenção na experiência subjetiva de *stress* económico, tendo vindo a identificar os seus reflexos negativos na vida dos indivíduos, sobretudo no que respeita à qualidade das suas relações conjugais. Perante as conclusões deste corpo de estudos, e a par da instabilidade macroeconómica que se tem observado nos últimos anos, torna-se clara a importância da investigação contínua e aprofundada sobre as interfaces entre exigências (macro)económicas e a vida dos indivíduos, casais e famílias. Neste sentido, a existência de medidas fiáveis e válidas para a avaliação das

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

exigências económicas assume máxima relevância. O presente estudo tem como principal objetivo o desenvolvimento e validação da versão portuguesa da *Family Economic Strain Scale* (FESS; Hilton & Devall, 1997), uma medida de auto-relato que se destina à avaliação de experiências de *stress* económico, originalmente desenvolvida nos Estados Unidos da América (EUA).

Da Adversidade ao *Stress* Económico Familiar

A literatura focada na experiência familiar de exigências económicas foi influenciada de forma substantiva pelo trabalho dos autores Conger e Elder (1994), e Patricia Voydanoff (1990). Relativamente aos contributos de Conger e Elder (1994), destaca-se, desde logo, a publicação do livro "*Families in Troubled Times: Adapting to Change in Rural America*" em 1994, no qual os autores descrevem as suas investigações realizadas durante a crise agrícola dos anos 1980 nos EUA. As investigações anteriores de Elder (1974), no contexto da Grande Depressão, foram a base para este novo estudo, que se tornou um dos trabalhos mais importantes e influentes na área. Este trabalho encontra-se associado ao desenvolvimento do modelo de *stress* económico familiar (Conger & Elder, 1994; Masarik & Conger, 2017) e à introdução dos conceitos "*economic hardship*" e "*economic pressure*", traduzidos, respetivamente, como "adversidade económica" e "pressão económica" no presente trabalho.

A adversidade económica refere-se a um conjunto de indicadores objetivos que caracterizam a condição financeira de uma família, incluindo o seu rendimento mensal e possíveis alterações desse valor, a existência de dívidas, bem como outros eventos negativos, como, por exemplo, ser despedido ou despromovido, perda de benefícios ou aumento do número de horas de trabalho (Conger & Elder, 1994; Masarik & Conger, 2017). Por sua vez, a pressão económica corresponde às experiências quotidianas resultantes da adversidade económica. Normalmente, este fenómeno é avaliado através de vários indicadores, sendo que os mais comuns são: a perceção dos membros da família quanto à capacidade de cumprir as suas necessidades materiais, a capacidade de pagar as contas mensais e para poupar dinheiro no decorrer do mês, e os cortes e ajustamentos financeiros feitos pelos elementos da família para lidar com as dificuldades económicas (Conger & Elder, 1994; Masarik & Conger, 2017).

Os trabalhos de Conger e Elder originaram um grande conjunto de estudos que, ao longo dos anos e até aos dias de hoje, exploraram a relação entre adversidade e pressão económicas e as emoções, comportamentos e relações de pais, mães, filhos e casais (e.g., Conger et al., 1999; Neppl et al., 2016). Esses trabalhos têm sido desenvolvidos em várias partes do mundo (Fonseca et al., 2016), com destaque para os EUA (e.g., Conger & Elder, 1994; Mistry et al.,

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

2008; Neppl et al., 2016) e para o continente europeu (e.g., Ponnet, 2014; Solantaus et al., 2004).

Quanto aos contributos de Voydanoff (1990), uma das semelhanças existentes com os de Conger e Elder (1994), no que diz respeito à conceptualização das exigências económicas, é o ponto de partida comum: os trabalhos de Leonard Pearlin na década de 1980. Pearlin conduziu um estudo empírico com o objetivo de investigar as associações existentes entre eventos de vida indesejados (por exemplo, mudanças laborais negativas e *stress* e tensões resultantes desses acontecimentos) e as suas consequências nas respostas psicológicas e emocionais de cada indivíduo (Pearlin et al., 1981). Voydanoff quis ampliar o conceito de "*economic strain*" de Pearlin (Hilton & Devall, 1997) – o qual, no presente trabalho, iremos traduzir como "*stress* económico" – apresentando uma abordagem inovadora na conceptualização de diversos tipos de exigências económicas.

A autora propôs que se considere o *distress* económico como um conceito multidimensional que engloba quatro componentes, considerando o emprego e o rendimento como elementos centrais nas experiências económicas de indivíduos e famílias (Voydanoff, 1990). As duas primeiras componentes, de carácter objetivo, visam refletir padrões de emprego e variações nos rendimentos ao longo do tempo, como a carência financeira (baixos rendimentos e redução de ganhos) e a falta de estabilidade no emprego (desemprego e subemprego). As outras duas componentes, de carácter subjetivo, envolvem a insegurança no trabalho (avaliação pessoal do desemprego ou perspetivas de recolocação) e o *stress* económico, o qual se refere à avaliação pessoal da sua situação financeira atual. Este conceito abrange a perceção da adequação financeira, preocupações e receios financeiros, ajustes em resposta a mudanças na situação económica, e projeções para a situação financeira futura. Na investigação empírica, o *stress* económico serve frequentemente como um indicador global do sofrimento económico experienciado pelos sujeitos (Voydanoff, 1990).

Assim, uma das ideias centrais desta conceptualização é que o *distress* económico pode surgir tanto de experiências financeiras objetivas como subjetivas. Esta ideia ganha particular relevância em momentos de recessão económica, uma vez que, mesmo não existindo mudanças objetivas nas situações das famílias, muitos indivíduos podem experienciar níveis elevados de *stress* e preocupação devido ao contexto geral de instabilidade macroeconómica (Falconier & Epstein, 2011; Leininger & Kalil, 2014).

O conceito de *stress* económico tornou-se, assim, a componente mais frequentemente operacionalizada e investigada em estudos prévios (e.g., Falconier & Epstein, 2010; Fonseca et al., 2024). A teoria do *stress* (Lazarus & Folkman, 1984) distingue a "qualidade objetiva de

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

um estímulo" da avaliação que cada indivíduo faz e mostra que se alteram devido às diferenças idiossincráticas existentes (por exemplo, as próprias características de cada pessoa, a sua história e cultura, contexto e disposição) – ou seja, a perceção de cada um vai sempre depender das suas "respostas emocionais e comportamentais". Os autores Lazarus e Folkman (1984) apresentaram a ideia de que a medida em que um indivíduo vivencia um evento como gerador de *stress* depende de duas etapas de avaliação: inicialmente, a pessoa avalia o quão ameaçadora a situação é para o seu bem-estar e, posteriormente, analisa em que medida os seus recursos são apropriados para enfrentar a situação. É presumível que ocorra *stress* subjetivo quando as exigências próprias da situação ultrapassam aquilo que é percebido enquanto recursos (Falconier & Epstein, 2011).

Concretizando, em situações que envolvam a perda concreta de emprego, a diminuição das reservas financeiras ou o acréscimo de dívidas, as pessoas irão experienciar *stress* económico quando perceberem que os meios disponíveis não são suficientes para atender às exigências económicas (Voydanoff & Donnelly, 1988). No entanto, mesmo na ausência de alterações objetivas na situação económica dos indivíduos, a presença de um cenário económico instável ou fatores pessoais (como é o caso de dificuldades financeiras anteriores, propensão a pensamentos catastróficos ou divergências na gestão financeira entre os casais) pode induzir angústia no que toca às finanças dos indivíduos (Falconier & Epstein, 2011).

Este racional tem encontrado suporte nos resultados de alguns estudos empíricos recentes. Por exemplo, Fonseca et al. (2024) demonstrou que a qualidade de vida de pais e filhos jovens adultos era afetada pelo *stress* económico por eles reportado, mas não pelo rendimento ou nível socioeconómico familiar. Tal é consistente com estudos anteriores (e.g., Leininger & Kalil, 2014), que sugerem que o impacto psicológico causado por questões económicas está mais relacionado com perceções subjetivas que as famílias têm da sua situação económica do que relacionado com indicadores objetivos dessas condições. De facto, este estudo de Leininger e Kalil (2014) revelou que o *stress* económico subjetivo, tais como as preocupações financeiras e a insegurança percebida por parte dos pais, afeta de forma significativa o comportamento das crianças, mais do que as condições económicas, como o desemprego e/ou a perda de fontes de rendimento.

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

Avaliação do *Stress* Económico: *The Family Economic Strain Scale* (FESS)

A investigação contínua em torno do *stress* económico é de extrema importância. Compreender esta vivência, identificar os seus possíveis impactos nas famílias e desenvolver estratégias que possam diminuir as suas consequências negativas é essencial, sobretudo atendendo à instabilidade económica mundial da atualidade. A *Family Economic Strain Scale* (FESS) tem sido usada para medir os níveis de *stress* económico reportados por indivíduos em diversos contextos. Este instrumento foi inicialmente desenvolvido por Jeanne Hilton e Esther Devall em 1997, visando avaliar o *stress* económico percebido em famílias monoparentais e nucleares intactas. A versão inicial da escala continha 17 itens que avaliavam o quão difícil era para os participantes pagarem os custos associados à alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos, transporte e atividades em família. O objetivo desta escala era também diferenciar as referidas estruturas familiares, na medida em que apresentavam diferenças significativas no acesso aos recursos económicos e sociais (Ozawa, 1989).

O instrumento foi testado e avaliado quanto à sua fiabilidade e validade em dois estudos distintos. No primeiro estudo, foram realizadas duas etapas: 1) a escala foi avaliada e revista tendo em conta o *feedback* de 10 profissionais (docentes de psicologia, sociologia, desenvolvimento infantil, estudos da família e economia familiar) e, posteriormente, pré-testada numa pequena amostra de participantes; 2) a escala revista foi testada numa amostra comunitária de 63 famílias monoparentais e nucleares intactas. No segundo estudo, a fiabilidade e a validade da escala foram avaliadas com base nos dados de um estudo feito com uma investigação distinta (*Nevada Agricultural Experiment Station Project* 948 NAES 948; Hilton, 1992).

A partir dos resultados obtidos, Hilton e Devall (1997) concluíram que a FESS é uma medida fiável e válida. As análises para a avaliação da consistência interna da escala foram conduzidas de forma sequencial, removendo o item cuja exclusão mais aumentava o alfa de *Cronbach*. Em cada etapa, foi também observada a alteração na variância explicada pelos itens. À medida que a variância explicada e a consistência interna aumentavam, os itens eram removidos. No total foram eliminados 7 itens, obtendo-se a versão final da FESS com 13 itens. Através de uma análise fatorial exploratória, constatou-se que a escala apresentava uma estrutura unifatorial, explicando cerca de 47,7% da variância total. A consistência interna, avaliada através do alfa de *Cronbach*, foi de 0,92 (Hilton & Devall, 1997). Para a avaliação da validade de constructo, foram testadas três hipóteses, as quais foram baseadas em resultados de estudos anteriores. A primeira hipótese previa que as mães solteiras enfrentavam maiores níveis de *stress* económico do que pais solteiros ou casados; a segunda hipótese consistia na

ideia de que o sexo do progenitor solteiro, o nível de rendimentos e o nível socioeconómico atuariam como preditores do *stress* económico; e a terceira hipótese avançava que a estrutura familiar, juntamente com o *stress* económico, influenciariam a coparentalidade. Os resultados obtidos pelas autoras no estudo 2 confirmaram as três hipóteses. Os resultados destas análises, indo ao encontro do que era teoricamente esperado e a conclusões de estudos prévios, contribuíram para o estabelecimento da validade de constructo da FESS.

Vários estudos têm utilizado a FESS (Hilton & Devall, 1997) em diferentes contextos e populações, realizando adaptações conforme necessário. No estudo de Falconier e Epstein (2010), a escala original de 13 itens foi adaptada para casais argentinos, não sendo analisados os dois itens relacionados com crianças e sendo adicionado um item sobre a preocupação com a futura situação económica, melhorando a consistência interna que variou entre 0,92 e 0,95. No estudo de Wang et al. (2022), a escala foi traduzida para chinês para avaliar o *stress* económico percebido por cuidadores principais, tendo sido mantidos os 13 itens originais devido aos bons resultados da análise fatorial. A consistência interna foi de 0,94, de forma consistente com outros estudos (Falconier, 2010; Rusu et al., 2018). Por fim, no estudo de Sipon et al. (2014), foi avaliado o impacto da religiosidade nas dívidas e *stress* gerados por elas em funcionários públicos, tendo sido utilizados apenas quatro itens da escala original e sido acrescentados dois novos no idioma original (6 itens no total). A consistência interna da escala foi elevada, com um alfa de *Cronbach* de 0,94. No seu conjunto, estes estudos demonstram a versatilidade e a robustez da FESS, destacando a importância das adaptações para diferentes contextos culturais e populações. No entanto, apesar da escala ter sido traduzida e utilizada em diversos contextos geográficos, são poucos os estudos onde se examinou de forma detalhada o funcionamento psicométrico da mesma.

O Presente Estudo

Atendendo à situação macroeconómica dos últimos anos em Portugal, marcada por uma recuperação gradual após a crise subsequente à Grande Recessão, um impacto significativo da pandemia da COVID-19 e uma recuperação económica que apresentou novos desafios, compreender e avaliar o *stress* económico experienciado pelos indivíduos e famílias e seus impactos assume extrema relevância. Em Portugal, as escalas de Conger e Elder (1994) foram adaptadas ao contexto nacional em 2014 por Pedro e Francisco. No entanto, estas medidas, privilegiando a avaliação da adversidade e pressão económicas, focam-se maioritariamente na avaliação de indicadores objetivos da situação económica das famílias. A importância das experiências subjetivas associadas às exigências económicas, tal como apontado pela literatura

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

(e.g., Falconier & Epstein, 2011; Leininger & Kalil, 2014), justifica o desenvolvimento de um instrumento que permita a operacionalização do constructo do *stress* económico. Capaz de cumprir esse propósito, a FESS tem sido traduzida e adaptada em diferentes países, não tendo ainda sido desenvolvida a sua versão portuguesa. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo principal a adaptação e validação da versão portuguesa da FESS (FESS-PT). Constituem objetivos específicos deste trabalho: a) o desenvolvimento da versão portuguesa da medida, adequada ao contexto português atual; b) reunir evidência acerca da fidelidade da escala, através do estudo da consistência interna e estabilidade temporal; c) reunir evidência acerca da sua validade, testando a sua estrutura fatorial e investigando associações com uma escala de preocupações financeiras; d) averiguar o impacto de um conjunto de variáveis sociodemográficas (e.g., sexo, idade) e complementares (e.g., existência de despesas com a habitação, poupanças) nos resultados de *stress* económico, medidos pela FESS-PT.

Método

Participantes e Procedimentos

Neste estudo, participaram 205 sujeitos (70,2% do sexo feminino; 97,1% com nacionalidade portuguesa), com idades compreendidas entre os 22 e os 79 anos (M = 43,14; DP = 11,63). Aquando da recolha da amostra, 87,8% dos sujeitos encontrava-se empregado a tempo integral e 37,1% possuía uma licenciatura. A maioria dos participantes encontravam-se casados (n = 128; 62,4%) ou em união de facto (n = 50; 24,4%), tendo filhos destes relacionamentos (n = 143; 69,8%). A média da idade do/a filho/a mais velho/a é de 17,06 anos. Estes dados sugerem que a grande parte dos indivíduos que respondeu ao questionário se encontra na etapa do ciclo vital familiar com filhos adolescentes (Relvas, 1996). A Tabela 1 apresenta a descrição sociodemográfica completa da amostra.

A recolha dos dados decorreu em registo *online*, através da plataforma *Google Forms*, entre abril e junho de 2024. A divulgação do estudo foi realizada nas redes sociais, como por exemplo, no *Facebook* e *Instagram,* através da partilha de um *link* que dava acesso ao protocolo de investigação. Os critérios de inclusão definidos para este estudo incluíam: a) ter idade igual ou superior a 18 anos, b) encontrar-se numa relação de casal há pelo menos 1 ano, c) a qual envolvesse uma situação de coabitação com o(a) seu(sua) companheiro(a)/cônjuge.

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética do ISMT. O consentimento informado que dava conta dos objetivos do mesmo e da confidencialidade dos dados obtidos foi obtido para todos os participantes.

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

Desenvolvimento da Versão Portuguesa da FESS

Inicialmente, a autorização para o uso da escala FESS e desenvolvimento de uma versão portuguesa foi obtida junto da autora, Jeanne Hilton. Numa primeira fase, recorremos à realização de um grupo focal (Stewart & Shamdasani, 2016), com o objetivo de discutirmos a aplicabilidade e utilidade da escala no nosso contexto nacional com um grupo de indivíduos portugueses com bons conhecimentos ao nível da língua inglesa. O grupo focal foi moderado por dois elementos da equipa de investigação. Durante o mesmo, os itens da FESS foram apresentados aos participantes na sua forma original, sendo-lhes pedido que comentassem as afirmações e discutissem a viabilidade e adequação da sua aplicação em contexto português. Adicionalmente, os participantes foram também incentivados a discutir possibilidades de tradução dos itens originais e a identificar se haveria alguma questão que faria sentido retirar ou acrescentar.

O grupo incluiu seis participantes (três homens e três mulheres) com características demográficas distintas, nomeadamente em termos de idade (seis sujeitos com idades compreendidas entre os 30 anos e os 38 anos), estado civil (dois sujeitos casados, três em união de facto e um separado) e número de filhos (três sujeitos com filhos entre os 4 meses e os 11 anos e três adultos sem filhos). Esta reunião foi realizada no dia 16 de março de 2024, em registo online na plataforma *Zoom*, sendo videogravada de forma a possibilitar a sua posterior transcrição. O consentimento informado para a participação no grupo focal e para a realização da gravação foi requerido a todos os participantes previamente à realização do grupo. Paralelamente, dois membros adicionais da equipa de investigação com conhecimentos em português e inglês fizeram uma tradução da escala original para, posteriormente, serem comparadas à tradução efetuada pelos indivíduos que participaram no grupo focal. A partir da análise destas traduções e dos resultados do grupo focal, construímos a versão portuguesa da FESS. Numa fase seguinte, esta versão foi retrotraduzida por outro elemento da nossa equipa, com grande experiência na investigação e trabalho clínico com famílias e casais. Não foram encontradas divergências significativas entre a escala original e a versão retrotraduzida. Finalmente, para garantir que a versão portuguesa estaria percetível e adequada, foi efetuado um estudo piloto, no qual se pediu a dez pessoas externas ao grupo focal que respondessem a um breve questionário sociodemográfico e de dados complementares e aos itens da versão portuguesa da FESS. Após o seu preenchimento, recolhemos o *feedback* dos participantes, o qual foi positivo: consideraram que as questões estavam bem construídas, eram pertinentes e atuais, e não apresentaram dúvidas relativamente ao conteúdo dos itens, nem às opções de resposta. Posto isto, chegámos à versão portuguesa final da FESS (FESS-PT), a qual incluía 15

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

itens. Dos 13 itens originais, três foram removidos (e.g., "*Eu sinto-me mal porque não consigo comprar aos meus filhos roupas de marca iguais às dos colegas.*") e cinco foram acrescentados (e.g., "*Preocupo-me com a possibilidade de não ter dinheiro para garantir uma casa adequada à minha família.*") a partir dos resultados do grupo focal.

Instrumentos

O protocolo de investigação incluía: o questionário sociodemográfico e de dados complementares, a versão portuguesa da FESS (FESS-PT) e cinco itens da versão portuguesa das escalas de Conger e Elder (1994), destinados à avaliação das preocupações financeiras.

Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares. Os participantes deste estudo começaram por responder a várias questões referentes a características sociodemográficas, económicas e familiares. As informações recolhidas estavam relacionadas com sexo, idade, tipo e duração de relacionamento, situação profissional, composição do agregado familiar, nível socioeconómico autopercebido e situação habitacional. Neste último ponto, os participantes foram questionados sobre a posse da habitação (própria, arrendada ou de familiares), despesas com a habitação, entre outras.

The Family Economic Strain Scale (FESS-PT). Este questionário de autorresposta visa avaliar o *stress* económico familiar e engloba 15 itens. É pedido aos participantes que indiquem a frequência em que um conjunto de situações (e.g., perceção de dificuldades e preocupações financeiras) se aplica a si, através de uma escala de resposta tipo *Likert*, que varia entre (1) nunca, (2) raramente, (3) algumas vezes, (4) frequentemente e (5) quase sempre. No último item, os participantes são convidados a comparar o valor dos seus rendimentos com os de outras famílias portuguesas, usando uma escala de resposta que varia entre (1) muito abaixo da média, (2) abaixo da média, (3) na média, (4) acima da média e (5) muito acima da média. Nas instruções de preenchimento da escala, é também pedido aos participantes que, caso não tenham filhos(a), nas duas questões onde estes(as) são mencionados, respondam de acordo com o que acham que sentiriam se fossem pais/mães. Valores mais elevados obtidos no somatório dos itens da FESS-PT indicam maiores níveis de *stress* económico percebido.

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra (N=205)

	n	%
Sexo		
Masculino	61	29,8
Feminino	144	70,2
Idade		
18-29	19	9,3
30-39	68	33,2
40-49	60	29,3
50-59	39	19,0
60-69	14	6,8
>70	5	2,4
Escolaridade		
1º Ciclo, 2º Ciclo ou 3º Ciclo	9	4,4
Ensino Secundário	56	27,3
Curso Profissional	17	8,3
Licenciatura	76	37,1
Mestrado	43	21,0
Doutoramento	4	2,0
Situação Relacional atual		
Relação de namoro com coabitação	27	13,2
Em união de facto	50	24,4
Casado(a)	128	62,4
Situação Profissional/Ocupacional		
Estudante	3	1,5
Trabalhador-estudante	6	2,9
Empregado(a) a tempo integral	180	87,8
Desempregado(a)	7	3,4
Reformado(a)	9	4,4
Nível Socioeconómico		
Baixo	8	3,9
Médio-baixo	49	23,9
Médio	126	61,5
Médio-alto	21	10,2
Alto	1	0,5
Existência de filhos		
Não	44	21,5
Sim, da minha relação atual	143	69,8
Sim, da minha relação atual e de relacionamentos anteriores	4	2,0
Sim, de um relacionamento anterior	12	5,9
Sim, aperfilhado/enteado	2	1,0
Número de filhos (*n* = 159)		
1 filho	66	32,2
2 filhos	80	39,0
3 filhos	13	6,3
Tipo de habitação		
Própria	147	71,7
Arrendada	36	17,6
De outros familiares	22	10,7
Despesas com habitação		

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

Não, tenho a minha casa paga	53	25,9
Não, vivo com familiares	15	7,3
Sim, pago uma prestação de um empréstimo bancário	100	48,8
Sim, pago uma renda	36	17,6
Não, apenas despesas de serviços	1	0,5

Nota. n = número de sujeitos da amostra, % = percentagem

Subescala de Preocupações Financeiras. O questionário de dificuldades económicas de Conger e Elder (1994) foi adaptado para Portugal por Pedro e Francisco (2014). Apesar do seu foco na avaliação da adversidade e pressão económicas, este instrumento inclui uma subescala adicional de cinco itens que avaliam as preocupações financeiras, os quais foram incluídos neste estudo. Os participantes avaliaram o grau de preocupação com a sua situação económica atual e quais os possíveis impactos que podem surgir no futuro, através de uma escala de resposta tipo *Likert* de 5 pontos, que variava entre (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) não concordo nem discordo, (4) concordo e (5) concordo totalmente. Valores mais elevados nesta subescala indicavam maiores níveis de preocupações financeiras. No presente estudo, o valor de alfa de *Cronbach* obtido foi de 0,91, o que sugere uma boa consistência interna.

Análise Estatística

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 26). Inicialmente, foram calculadas a média, mediana, desvio-padrão, assimetria e curtose para os 15 itens da versão portuguesa da FESS. Foi realizada uma análise fatorial exploratória de forma a identificar quantas dimensões a FESS possuía e quais as questões correspondentes a cada uma delas. Adotou-se um critério mínimo de 0,30 para as cargas fatoriais, sendo que os valores acima de 0,40 foram considerados indicadores de uma contribuição mais substancial dos itens para os fatores (Hair et al., 2019). Além disso, a dimensão da amostra revelou-se superior a 100 sujeitos ($N = 205$), apresentando um rácio de cerca de 14 sujeitos por item, o que satisfaz as recomendações para a realização de análises fatoriais (Hair et al., 1986).

Para avaliar a consistência interna, recorreu-se ao coeficiente alfa de *Cronbach*. Valores superiores a 0,7 foram considerados indicadores de uma boa consistência interna (George & Mallery, 2010). Foram também analisados os resultados da correlação item-total: valores acima de 0,3 foram considerados como indicadores de uma boa capacidade discriminante (Wilmut, 1975). No que toca à fiabilidade teste-reteste, foram realizadas correlações de Pearson numa subamostra de 30 participantes que participaram numa segunda aplicação do questionário após

cerca de 15 dias. Valores superiores a 0,70 foram considerados adequados para atestar a fiabilidade do teste-reteste (Litwin, 1995). Foram ainda realizadas correlações de Pearson entre os resultados da FESS-PT e subescala das preocupações financeiras de Conger e Elder (1994) para o estudo da validade convergente. De acordo com Cohen (1988), os valores foram interpretados como: correlações pequenas ($r > \pm 0{,}10$), correlações médias ($r > \pm 0{,}30$) e correlações fortes ($r > \pm 0{,}50$). Por fim, para explorar as associações entre os resultados da FESS-PT e um conjunto de variáveis sociodemográficas, foram realizados *testes t* para amostras independentes e análises de variância (ANOVA) consoante o mais apropriado para cada tipo de dados. Mais especificamente, os *testes t* foram usados para comparar os resultados da FESS-PT e das suas dimensões entre dois grupos (e.g., sexo, existência de filho/as), enquanto a ANOVA foi aplicada quando trabalhámos com variáveis sociodemográficas com mais de dois grupos (e.g., intervalos de idade) (cf. Tabela 5). Relativamente aos valores de tamanho de efeito, foram analisados os valores *d de Cohen* e eta quadrado para cada uma das respetivas análises. Para o *d de Cohen*, valores entre 0,20 e 0,49 foram considerados pequenos, entre 0,50 e 0,79 médios, e acima de 0,80 elevados (Cohen, 1988). Para o eta quadrado, valores entre 0,01 e 0,05 foram considerados pequenos, entre 0,06 e 0,12 médios, e acima de 0,13 elevados (Howitt & Cramer, 2020).

Resultados

Análise dos Itens

Os resultados da análise descritiva dos itens da FESS-PT encontram-se apresentados na Tabela 2. No que diz respeito aos valores obtidos mais altos, estes foram registados no item 5 *("Preocupo-me com questões financeiras"; M = 3,61*) e no item 12 (*"Preocupo-me por não conseguir poupar o dinheiro que gostaria"; M = 3,37*). Quanto aos valores mais baixos, estes registaram-se no item 4 *("Os problemas financeiros interferem nas minhas relações com outras pessoas"; M = 1,82*) e no item 3 *("Os problemas financeiros interferem no meu trabalho e na minha rotina diária"; M = 2,01*).

Os coeficientes de correlação item-total mostraram uma boa capacidade discriminante dos itens, uma vez que foram encontrados valores superiores a 0,30 ($0{,}47 < r < 0{,}78$). Os valores da assimetria (entre -0,41 e 1,13) e de curtose (entre -1,11 e 1,10) indicaram uma amostra normalmente distribuída, na medida em que não foram encontrados valores superiores a ±2 (George & Mallery, 2010).

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

Tabela 2

Estatísticas Descritivas dos Itens da FESS-PT e Consistência Interna

Item	M	DP	Assimetria	Curtose	Correlação Item-Total Corrigida	Alfa com Item Excluído
1	2,48	0,95	0,47	0,34	0,65	0,93
2	2,15	0,95	0,64	0,34	0,72	0,93
3	2,01	0,95	0,80	0,55	0,66	0,93
4	1,82	0,92	1,13	1,10	0,62	0,93
5	3,61	1,10	-0,41	-0,53	0,66	0,93
6	2,92	1,31	0,11	-1,07	0,70	0,93
7	2,82	1,17	0,31	-0,65	0,65	0,93
8	2,69	1,14	0,34	-0,45	0,65	0,93
9	2,91	1,35	0,10	-1,11	0,74	0,93
10	2,97	1,32	0,05	-1,05	0,78	0,93
11	2,65	1,38	0,35	-1,08	0,76	0,93
12	3,37	1,12	-0,12	-0,61	0,70	0,93
13	2,14	1,07	0,99	0,65	0,67	0,93
14	2,76	1,30	0,36	-0,92	0,77	0,93
15	3,06	0,76	0,10	0,01	0,47	0,94

Análise Fatorial Exploratória

Com o objetivo de se verificar quantas dimensões compõem a FESS, recorreu-se a uma análise fatorial exploratória. Os resultados indicaram uma medida significativa de adequação da amostra para a realização da análise de componentes principais. Isso foi demonstrado através do cálculo do critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,914) e através do teste de esfericidade de Bartlett ($\chi 2$ = 2209,44; gl = 105, $p < .001$), evidenciando a presença de correlações entre as variáveis (Pestana & Gageiro, 2008). A análise dos itens que saturaram em cada fator, baseada nos *eigenvalues* e na interpretação do *scree plot* (Figura 1), confirmou que existem duas dimensões distintas na escala. Na análise das cargas fatoriais dos itens, constatou-se que todos os valores se encontravam acima de 0,40 (Tabela 3).

Concluiu-se que a primeira dimensão se encontrava relacionada com o conjunto de preocupações financeiras experienciadas pelos indivíduos (e.g., *"Preocupo-me por não conseguir poupar o dinheiro que gostaria."*), enquanto a segunda dimensão reunia itens focados na perceção da adequação financeira (e.g., *"De um modo geral, é difícil para mim e para a minha família viver com o nosso rendimento atual."*).

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

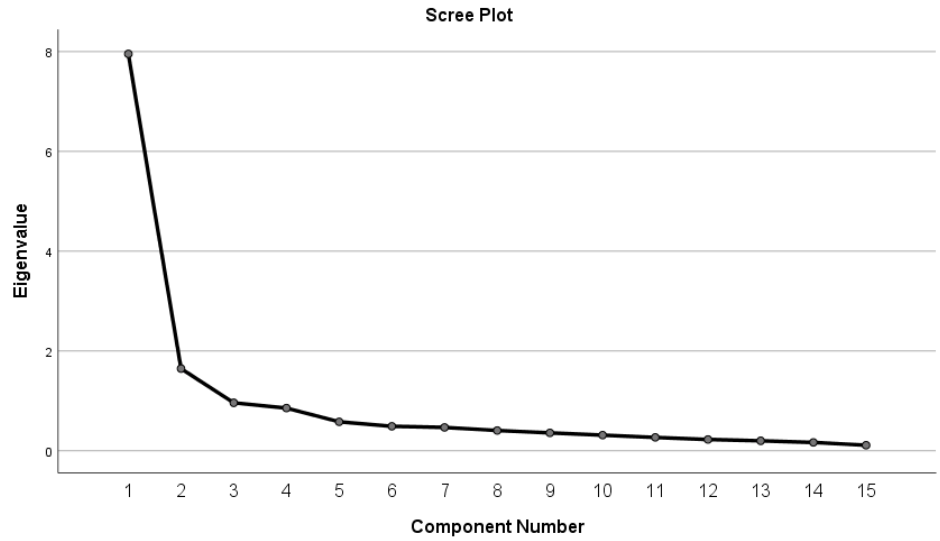


Figura 1. Scree Plot.

Tabela 3

Matriz de Componente Rotativa

	Componente	
	1	2
Item 1		0,752
Item 2		0,835
Item 3		0,789
Item 4		0,729
Item 5	0,652	
Item 6	0,787	
Item 7	0,708	
Item 8		0,610
Item 9	0,858	
Item 10	0,814	
Item 11	0,807	
Item 12	0,625	
Item 13		0,750
Item 14	0,751	
Item 15		0,634

Fidelidade

A consistência interna da FESS-PT foi suportada pelos valores obtidos no cálculo do alfa de *Cronbach*. No que respeita à primeira dimensão, preocupações financeiras, o valor obtido foi de 0,92 e na segunda dimensão, perceção da adequação financeira, o valor foi de 0,89. Para a escala global, o valor obtido foi de 0,94. Relativamente à fiabilidade teste-reteste, foram obtidos coeficientes de correlação de Pearson de 0,92 para a primeira dimensão, 0,91

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

para a segunda dimensão e 0,95 para a escala global, considerando um intervalo de 15 dias entre aplicações.

Validade Convergente

A validade convergente foi investigada através de análises de correlação de Pearson entre a FESS-PT e a subescala das preocupações financeiras de Conger e Elder (Tabela 4). Os resultados indicaram uma correlação positiva, forte e significativa entre as duas escalas (r = 0,71, p < 0,001). No que diz respeito às correlações entre as duas dimensões da FESS e a subescala de Conger e Elder, observou-se que a segunda dimensão apresentou uma correlação mais forte (r = 0,81, p < 0,001), em comparação com a primeira dimensão (r = 0,55, p < 0,001). No seu conjunto, estes resultados sugerem que ambas as medidas medem constructos semelhantes.

Tabela 4

Associações entre a FESS-PT e a Subescala das Preocupações Financeiras de Conger e Elder

		1.	2.	3.	4.
1.	FESS-PT	-			
2.	Preocupações financeiras	0,95*	-		
3.	Perceção da adequação financeira	0,87*	0,67*	-	
4.	Subescala Conger e Elder	0,71*	0,55*	0,81*	-

** p < 0,001*

Associações entre a FESS-PT e Variáveis Sociodemográficas e Complementares

Os resultados destas análises adicionais (Tabela 5) revelaram que os níveis de *stress* económico familiar, conforme medidos pela FESS-PT, assumiram valores diferentes em função da idade, do nível socioeconómico autopercebido, do nível de escolaridade e das responsabilidades financeiras assumidas pelos participantes, mas não em função do sexo e da existência de filhos.

No que respeita à idade, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos resultados da FESS-PT total entre diferentes grupos etários, F (3, 201) = 6,05; p < 0,05, com um valor de tamanho de efeito médio. Em particular, os grupos mais jovens (18-39 anos e 40-49 anos) apresentaram maiores níveis de *stress* económico em

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

Tabela 5

Resultados dos Testes T e ANOVAs

	FESS total		Preocupações Financeiras		Perceção da adequação financeira	
	M (*DP*)		*M* (*DP*)		*M* (*DP*)	
Sexo						
Masculino (*n* = 61)	39,15 (12,46)	t (203) = -0,93	23,67 (8,45)	t (203) = -0,39	15,48 (4,89)	t (203) = -1,57
Feminino (n = 144)	40,89 (12,24)	*d* = 0,14	24,15 (8,00)	*d* = 0,06	16,74 (5,42)	*d* = 0,24
Idade						
18-39 (*n* = 87)	42,41 (12,47)		25,59 (7,86)		16,83 (5,79)	
40-49 (*n* = 60)	41,23 (12,03)	F (3, 201) = 6,05*	24,67 (8,27)	F (3, 201) = 7,39**	16,57 (5,00)	F (3, 201) = 2,49
50-59 (*n* = 39)	39,64 (10,93)	η^2 = 0,08	23,13 (7,37)	η^2 = 0,10	16,51 (4,61)	η^2 = 0,03
60-79 (*n* = 19)	29,79 (10,17)		16,53 (6,29)		13,26 (4,29)	
Nível Socioeconómico						
Baixo (*n* = 57)	48,61 (12,19)	F (2, 202) =	27,68 (7,31)	F (2, 202) =	20,93 (5,61)	F (2, 202) =
Médio (*n* = 126)	38,37 (10,66)	27,15**	23,31 (7,93)	12,66**	15,06 (3,91)	47,61**
Alto (*n* = 22)	30,45 (9,22)	η^2 = 0,33	18,50 (7,24)	η^2 = 0,17	11,95 (3,15)	η^2 = 0,48
Existência de filhos						
Não (*n* = 44)	41,32 (12,03)	t (203) = 0,58	24,52 (8,15)	t (203) = 0,47	16,80 (5,36)	t (203) = 0,61
Sim (*n* = 161)	40,11 (12,40)	*d* = 0,10	23,87 (8,14)	*d* = 0,08	16,24 (5,28)	*d* = 0,11
Despesas com habitação						
Não (*n* = 68)	37,31 (12,23)	t (202) = -2,50*	22,19 (8,35)	t (202) = -2,24*	15,12 (5,01)	t (202) = -2,35*
Sim (*n* = 136)	41,81 (12,10)	*d* = 0,37	24,87 (7,90)	*d* = 0,33	16,94 (5,34)	*d* = 0,35
Existência de poupanças						
Não (*n* = 29)	48,28 (12,42)	t (203) = 3,86**	27,62 (8,26)	t (203) = 2,62*	20,66 (5,56)	t (203) = 4,99**
Sim (*n* = 176)	39,07 (11,82)	*d* = 0,76	23,41 (7,97)	*d* = 0,52	15,65 (4,91)	*d* = 0,96

*Nota. N = número total de sujeitos, n = número de sujeitos da amostra, M = Média, DP = Desvio-Padrão, F = ANOVA, t = T de Student, d = d de Cohen, η^2 = eta quadrado. * p < 0,050; ** p < 0,001*

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

comparação com o grupo de participantes mais velhos (60-79 anos). Esta tendência de resultados verificou-se também para a primeira dimensão da FESS-PT (preocupações financeiras). De forma diferente, no que diz respeito à segunda dimensão, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, o que sugere que a perceção da adequação financeira não varia entre os grupos etários.

Quanto ao nível socioeconómico, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos resultados da FESS-PT, F (2, 202) = 27,15; $p < 0,001$, com um tamanho de efeito grande. Os testes *post-hoc* de *Tukey* indicaram que todas as comparações entre os grupos foram significativas. Especificamente, os resultados revelaram que os participantes do nível socioeconómico baixo apresentaram maiores níveis de *stress* económico (M = 48,61; DP = 12,19), seguidos pelo grupo de nível socioeconómico médio (M = 38,37; DP = 10,66) e, por último, pelo grupo de nível socioeconómico alto (M = 30,45; DP = 9,22). Estas diferenças foram observadas tanto na primeira como na segunda dimensão da FESS-PT, indicando que os participantes de níveis socioeconómicos mais baixos apresentavam valores mais elevados de *stress* económico.

Adicionalmente, o grupo de participantes que reportou ter despesas com a habitação apresentou uma média de *stress* económico total mais elevada (M = 41,81; DP = 12,10) em comparação com o grupo que não possuía despesas (M = 37,31; DP = 12,23). Esta diferença revelou-se estatisticamente significativa, t (202) = -2,50; $p < 0,05$, com um tamanho de efeito pequeno. O mesmo foi verificado nas dimensões, com diferenças estatisticamente significativas tanto na primeira como na segunda dimensão, sugerindo que os indivíduos que possuem despesas com a habitação apresentam um nível mais elevado de preocupações financeiras e uma perceção de adequação financeira mais pobre comparativamente ao grupo de participantes que não possui despesas com a habitação.

Os participantes que mencionaram não possuir poupanças apresentaram pontuações mais altas na FESS-PT total (M = 48,28; DP = 12,42) em comparação com o grupo que reportou ter poupanças (M = 39,07; DP = 11,82), tendo estas diferenças se revelado estatisticamente significativas, t (203) = 3,86; $p < 0,001$, com um tamanho do efeito médio. Foram observadas diferenças semelhantes nas dimensões, com o grupo sem poupanças a apresentar maiores níveis de preocupações financeiras e uma perceção de adequação financeira mais pobre, reforçando a importância das poupanças para uma melhor gestão do *stress* económico. De referir que, no que diz respeito às diferenças na dimensão perceção da adequação financeira, o tamanho do efeito calculado revelou-se elevado.

Em relação à variável sexo, constatou-se que as mulheres apresentaram médias ligeiramente mais elevadas de *stress* económico (M = 40,89; DP = 12,24) em comparação com os homens (M = 39,15; DP = 12,46). No entanto, essa diferença não atingiu significância estatística entre os grupos. No que diz respeito aos filhos, também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos resultados da FESS-PT total entre os grupos de participantes com filhos (M = 40,11; DP = 12,40) e sem filhos (M = 41,32; DP = 12,03), o mesmo se verificando para as dimensões da FESS-PT.

Discussão

Perante a relevância crescente da investigação sobre os impactos das exigências (macro)económicas nas famílias (Fonseca et al., 2016), a FESS (Hilton & Devall, 1997) surge como um contributo significativo para a compreensão do *stress* económico. Este instrumento permite a operacionalização deste constructo, possibilitando, assim, uma análise mais aprofundada das experiências subjetivas de *stress* económico e contribuindo para o desenvolvimento de estudos focados nos seus correlatos e impactos. A FESS foi alvo de traduções e adaptações em diversos países, não tendo sido ainda apresentada uma versão para o contexto português. Deste modo, o presente estudo teve como objetivo o desenvolvimento e a validação da FESS-PT, e os resultados suportaram a validade e fidelidade da medida.

A análise fatorial exploratória revelou que a FESS-PT possui duas dimensões: preocupações financeiras e perceção da adequação financeira. A primeira dimensão abrange questões relacionadas com o medo de poder não conseguir vir a atender a necessidades básicas, como pagar contas, comprar alimentos e suprir outras despesas essenciais. Esta dimensão reflete um sentimento subjetivo de receio face a possíveis dificuldades financeiras que possam surgir, enfatizando a constante preocupação com a manutenção do bem-estar familiar perante as incertezas económicas. Por seu turno, a segunda dimensão refere-se à avaliação pessoal dos indivíduos sobre a suficiência dos seus recursos financeiros para atender às suas necessidades e cumprir os compromissos financeiros. É importante destacar que, embora a estrutura fatorial obtida nesta adaptação identifique duas dimensões, a versão original da FESS revelou-se uma escala unidimensional. Essa diferença pode refletir as adaptações realizadas no processo de tradução e adaptação cultural, bem como as particularidades do contexto português, que podem ter influenciado a forma como os participantes percebem e respondem aos itens do instrumento.

O cálculo da consistência interna permitiu atestar a fiabilidade do instrumento, evidenciada pelos altos índices de alfa de *Cronbach* obtidos (total e dimensões). As fortes

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

correlações entre os resultados da primeira e da segunda aplicação da FESS-PT, realizadas considerando um intervalo de 15 dias entre aplicações, constituem uma primeira evidência da estabilidade temporal da medida, sugerindo que a FESS-PT é capaz de medir consistentemente o *stress* económico ao longo do tempo.

Os resultados das correlações efetuadas entre a FESS-PT e a subescala de avaliação das preocupações financeiras de Conger e Elder sugerem que ambas as escalas medem constructos relacionados, contribuindo para o estabelecimento da validade convergente da primeira medida. Verificou-se também que a dimensão da perceção da adequação financeira mostrou uma associação mais forte com os resultados da subescala de 5 itens do Questionário de Dificuldades Económicas (Conger & Elder 1994; Pedro & Francisco, 2014) comparativamente à dimensão preocupações financeiras. Sugerindo que a dimensão perceção da adequação financeira poderá capturar experiências de *stress* económico mais próximas àquelas avaliadas numa subescala preexistente, estes dados reforçam a importância da primeira dimensão da FESS-PT: preocupações financeiras. Esta dimensão poderá contribuir para uma avaliação mais abrangente do *stress* económico, ao capturar, não só a perceção atual da adequação dos recursos financeiros, mas também aspetos relacionados com preocupações futuras e antecipação de dificuldades, aspetos que podem estar a ser avaliados de forma insuficiente em instrumentos anteriores.

De forma a cumprir o último objetivo específico deste estudo, foram examinadas as relações entre os resultados da FESS-PT e um conjunto de variáveis sociodemográficas e complementares. Os dados revelaram que não existiam diferenças estatisticamente significativas nas pontuações da FESS-PT em função do sexo, sugerindo que homens e mulheres poderão experienciar níveis de *stress* económico semelhantes. Tal é consistente com estudos prévios que indicam que o *stress* económico é mais influenciado por fatores socioeconómicos do que pelo género (Voydanoff, 1990), bem como com resultados de estudos portugueses que não observaram diferenças de género na experiência de pressão económica de casais com filhos jovens adultos (e.g., Fonseca et al., 2021). Contudo, note-se que alguns estudos reconhecem que as diferenças de género se podem destacar nos mecanismos psicológicos mediadores do *stress* económico na vida das famílias, reconhecendo que os homens tendem a adotar uma abordagem mais ativa e externalizadora (e.g., maior agressividade) na forma como respondem às implicações das exigências económicas familiares e que as mulheres tendem a recorrer a estratégias direcionadas para a gestão emocional e suporte social (Falconier & Epstein, 2011; Kinnunen & Pulkkinen, 1998; Kostouli et al., 2016). Deste modo, podem ser de particular relevância estudos futuros focados na perceção de

adequação financeira e de preocupações financeiras de homens e mulheres, e nos seus impactos no seio da família.

No que diz respeito à existência de filhos, os resultados não demonstraram nenhum impacto nas respostas dadas à FESS, o que sugere que a experiência de *stress* económico pode ser transversal entre adultos com filhos e sem filhos. Contudo, este resultado pode ser explicado por variáveis que não tenham sido consideradas neste estudo, tais como a existência e qualidade das redes de apoio social. Os resultados indicam, no entanto, que indivíduos mais jovens apresentaram níveis mais elevados de *stress* económico. Isso poderá refletir o contexto de instabilidade financeira contemporâneo (e.g., Lanz & Serido, 2021), na qual os mais jovens poderão ser confrontados com desafios associados à maior precariedade no emprego e ausência de poupanças.

Em consonância com a literatura, os níveis mais elevados de *stress* económico foram reportados por indivíduos que se identificavam com níveis socioeconómicos mais baixos. Estudos anteriores já haviam demonstrado que a vulnerabilidade financeira está fortemente relacionada com rendimentos mais baixos e com a falta de segurança económica (Voydanoff, 1990). Além disso, verificou-se que os sujeitos que apresentam despesas com a habitação (i.e., rendas, prestações bancárias) são os que experienciam maiores níveis de *stress* económico. Este resultado é de extrema relevância, especialmente no contexto atual da crise habitacional em Portugal, que tem contribuído para um aumento de dificuldades económicas e de *stress* económico para muitos indivíduos e famílias. Perante o cenário atual de aumento global dos custos de habitação, é compreensível que o *stress* económico aumente para aqueles que enfrentam despesas habitacionais, independentemente de ocorrerem mudanças objetivas, como um aumento da renda ou, simplesmente, pela antecipação dessas realidades.

Finalmente, os dados deste estudo sugeriram que não ter poupanças está associado a maiores níveis de preocupações financeiras, evidenciando a importância de ter reservas financeiras para minimizar o *stress* económico. Conforme abordado por Lusardi e Mitchell (2014), a ausência de poupanças pode aumentar a vulnerabilidade e o *stress* económico das famílias. Tendo em conta estes resultados, é reforçada a importância da adoção de estratégias financeiras que promovam a poupança e favoreçam a resiliência económica.

O presente estudo possui limitações, nomeadamente a utilização de uma amostra não probabilística e a sua homogeneidade no que concerne a algumas variáveis (e.g., sexo). Em estudos futuros, é importante que as amostras apresentem uma maior heterogeneidade face, por exemplo, às variáveis sexo, etnia e tipo de vínculo laboral, para que haja uma maior representatividade da população portuguesa. Para além disso, este estudo focou-se apenas nas

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

experiências de *stress* económico de homens e mulheres portugueses atualmente em relacionamentos conjugais. Em novas investigações, é, assim, de extrema relevância estudar a adequabilidade e funcionamento psicométrico da FESS-PT em indivíduos mais jovens, em diferentes situações relacionais (e.g., solteiros, divorciados) e estruturas familiares (e.g., famílias monoparentais).

Não obstante, este estudo apresenta um conjunto de forças relevantes. Em primeiro lugar, destacamos o processo de desenvolvimento da versão portuguesa da FESS, o qual envolveu a realização de um grupo focal. O grupo focal proporcionou *insights* muito úteis sobre a forma como os indivíduos interpretam e vivenciam as dimensões da FESS-PT. A interação e o debate entre os participantes facilitaram a identificação de aspetos específicos de *stress* económico que deveriam ser avaliados no questionário, bem como a avaliação das potencialidades e limitações da FESS no contexto português. Este processo contribuiu para modificações e a um aumento no número de itens da medida, o que poderá em parte explicar a estrutura bidimensional encontrada. Além disso, a distinção entre as dimensões da FESS-PT – preocupações financeiras e perceção da adequação financeira – poderá revelar-se crucial para compreender diferentes aspetos do *stress* económico. Esta compreensão mais detalhada das experiências de *stress* económico pode orientar intervenções específicas que visem trabalhar com indivíduos em situações de grande *stress* económico.

Em termos de estudos futuros, seria interessante perceber como os resultados da FESS-PT são influenciados dependendo dos diferentes contextos culturais e dos estratos socioeconómicos. Seria também benéfico aumentar o intervalo de tempo entre a primeira e a segunda aplicação da FESS-PT em estudos de validação subsequentes, para permitir uma melhor avaliação da estabilidade temporal e da consistência das respostas ao longo de períodos mais alargados. Finalmente, é fundamental criar programas de intervenção focados no *stress* económico com o objetivo de fornecer estratégias para mitigar os seus impactos negativos. Nesse sentido, a FESS-PT pode ser utilizada e testada como uma medida que avalie a eficácia dessas intervenções, podendo analisar o seu impacto nos níveis de bem-estar dos indivíduos.

Em conclusão, tendo em conta os resultados obtidos, este estudo conseguiu mostrar que a versão portuguesa da FESS, composta por 15 itens, é adequada e vantajosa para avaliar o *stress* económico. A validação desta medida para o contexto português fornece uma ferramenta importante para profissionais de saúde mental e investigadores que queiram compreender melhor as experiências de *stress* económico de indivíduos e famílias, bem como os seus impactos em diversas áreas do seu funcionamento. A utilização prática da FESS-PT pode facilitar a identificação de áreas que necessitem de intervenção, auxiliando no desenvolvimento

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

de estratégias que reduzam os efeitos negativos deste fenómeno no bem-estar individual e familiar.

Bárbara Rodrigues | barbara.filipa.cr@hotmail.com

Referências Bibliográficas

Amaral, L. (2009). Crises financeiras: História e actualidade. *Relações Internacionais, 23*, 119-138.

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.

Conger, R. D., Conger, K. J., Elder Jr., G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L. & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development*, *63*(3), 526-541. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1992.tb01644.x

Conger, R. D., Ge, X., Elder Jr., G. H., Lorenz, F. O. & Simons, R. L. (1994). Economic stress, coercive family process, and developmental problems of adolescentes. *Child Development, 65*(2), 541-561. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00768.x

Conger, R. D., Rueter, M. A., & Elder Jr., G. H. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*(1), 54-71. https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.1.54

Conger, R., & Elder, G. (1994). *Families in troubled times: Adapting to change in rural America*. Routledge.

DECOPROTeste. (2023). *74% das famílias portuguesas assume dificuldades financeiras em 2022*. https://www.deco.proteste.pt/corporate/comunicados-de-imprensa/74-por-cento-familias-portuguesas-assume-dificuldades-financeiras-2022

Elder, G. H. (1974). *Children of the Great Depression*. University of Chicago Press.

Falconier, M. K. & Epstein, N. B. (2010). Relationship satisfaction in Argentinean couples under economic strain: Gender differences in a dyadic stress model. *Journal of Social and Personal Relationships, 27*(6), 781-799. https://doi.org/10.1177/0265407510373260

Falconier, M. K. & Epstein, N. B. (2011). Couples experiencing financial strain: What we know and what we can do. *Family Relations, 60*(3), 303-317. https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2011.00650.x

Falconier, M. K. (2010). Female anxiety and male depression: Links between economic strain and psychological aggression in Argentinean couples. *Family Relations*, *59*(4), 424-438. https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2010.00613.x

Fonseca, G., Crespo, C. & Relvas, A. P. (2021). Economic stress among couples with emerging adult children in Portugal. *Jounal of Family Psychology, 35*(6), 811-821. http://doi.org/10.1037/fam0000854

Fonseca, G., Cunha, D., Crespo, C. & Relvas, A. P. (2016). Families in the context of macroeconomic crises: A systematic review. *Jounal of Family Psychology, 30*(6), 687-697. http://doi.org/10.1037/fam0000230

Fonseca, G., Sousa, B., Crespo, C. & Relvas, A. P. (2024). Economic strain and quality of life among families with emerging adult children: The contributions of family rituals and family problem-solving communication. *Family Process, 63*(3), 1319-1335. https://doi.org/10.1111/famp.12884

George, D., & Mallery, P. (2010). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference, 17.0 update.*(10 ed.). Allyn & Bacon.

Hair Jr., J. F., Anderson, R. E. & Tathan, R. L. (1986). *Multivariate data analysis with readings*. Macmillan Publishing Co., Inc.

Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2019). *Multivariate data analysis* (8th ed.). Cengage Learning.

Hilton, J. (1992). *School-aged youth at risk in single-parent families* (NAES Project 948). Reno, NV: University of Nevada, Nevada Agricultural Experiment Station.

Hilton, J. M. & Devall, E. (1997). The family economic strain scale: Development and evaluation of the instrument with single- and two-parent families. *Journal of Family and Economic Issues, 18*(3), 247-271. https://doi.org/10.1023/A:1024974829218

Howitt, D. & Cramer, D. (2020). *Understanding statistics in psychology with SPSS* (8th ed.). Pearson.

Kinnunen, U., & Pulkkinen, L. (1998). Linking economic stress to marital quality among Finnish marital couples. *Journal of Family Issues*, *19*, 705–724. https://doi.org/10.1177/019251398019006003

Kostouli, M., Xanthopoulou, D., & Athanasiades, C. (2016). Economic strain and subjective well-being in married couples with children: A dyadic analysis. *The European Journal of Counselling Psychology, 5*(1), 43–61. https://doi.org/10.5964/ejcop.v5i1.94

Lanz, M. & Serido, J. (2020). Introduction to special issue financial instability during emerging adulthood and life stability: Obstacles to and opportunities for individual development and future well-being. *Emerging adulthood, 8*(6), 439-442. https://doi.org/10.1177/2167696820951042

Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer publishing company.

Leininger, L. J. & Kalil, A. (2014). Economic strain and children's behavior in the aftermath of the Great Recession. *Journal of Marriage and Family, 76*(5), 998-1010. https://doi.org/10.1111/jomf.12140

Litwin, M.S. (1995). *How to measure survey reliability and validity*. Sage Publications.

Lusardi, A. & Mitchell, O. S. (2014). *The economic importance of financial literacy: Theory and evidence*. *Journal of Economic Literature, 52*(1), 5-44.

Masarik, A. S. & Conger, R. D. (2017). Stress and chil development: A review of the family stress model. *Current Opinion in Psychology*, *13*, 85-90. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.05.008

Mistry, R., Lowe, E., Benner, A. & Chien, N. (2008). Expanding the family economic stress model: Insights from a mixed-methods approach. *Journal of Marriage and Family, 70,* 196-209.

Neppl, T. K., Senia, J. M., & Donnellan, M. B. (2016). Effects of economic hardship: Testing the family stress model over time. *Journal of Family Psychology, 30*(1), 12–21. https://doi.org/10.1037/fam0000168

Ozawa, M. N. (1989). *Women's life cycle and economic insecurity.* Greenwook Press.

Pearlin, L. I., Menaghan, E. G., Lieberman, M. A. & Mullan, J. T. (1981). The stress process. *Jounal of Health and Social Behavior, 22*(4), 337-356. https://doi.org/10.2307/2136676

Pedro, M., & Francisco, R. (2014). *Family Economic Pressure Questionnaire – Portuguese version* (version for research). Universidade de Lisboa.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2008). *Analise de dados para ciencias sociais - A complementaridade do SPSS* (5a ed.). Silabo.

Ponnet, K. (2014). Financial stress, parent functioning and adolescent problem behavior: An actor-partner interdependence approach to family stress processes in low -, middle -, and high-income families. *Journal of Youth and Adolescence*, *43*, 1752-1769. https://doi.org/10.1007/s10964-014-0159-y

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Afrontamento.

Rusu, P. P., Hilpert, P., Falconier, M. & Bodenmann, G. (2018). Economic strain and support in couple: The mediating role of positive emotions. *Stress and Health*, *34*(2), 320-330. https://doi.org/10.1002/smi.2794

Sipon, S., Othman, K., Ghani, Z. A. & Radzi, H. M. (2014). The impact of religiosity on financial debt and debt stress. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 140*, 300-306. https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.04.424

Solantaus, T., Leinonen, J., & Punamäki, R.L. (2004). Children's mental health in times of economic recession: Replication and extension of the family economic stress model in Finland. *Developmental Psychology, 40*(3), 412–429. https://doi.org/10.1037/0012-1649.40.3.412

Stewart, D. W. & Shamdasani, P, (2016). Online focus groups. *Journal of Advertising, 46*(1), 48-60. https://doi.org/10.1080/00913367.2016.1252288

Voydanoff, P. & Donnelly, B. (1988). Economic distress, family coping, and quality of family life. In P. Voydanoff & L. C. Majka (Eds.), *Families and economic distress: Coping strategies and social policy* (pp. 97–116). SAGE Publications.

Voydanoff, P. (1990). Economic distress and family relations: A review of the eighties. *Journal of Marriage & Family*, *52*(4), 1099-1115. https://doi.org/10.2307/353321

Wang, Z., Li, C. & Ai, K. (2022). Family economic strain and adolescent aggression during the COVID-19 pandemic: Roles of interparental conflict and parent-child conflict. *Quality of Life, 17*, 2369-2385. https://doi.org/10.1007/s11482-022-10042-2

Wilmut, J. (1975). Objective test analysis: Some criteria for item selection. *Research in Education*, *13*(1), 27-56. https://doi.org/10.1177/003452377501300102